

O imaginário científico sobre o corpo construído pela mídia a partir de 1950

Célia A. Rocha*

Resumo: Este texto é parte de um projeto de pesquisa que visa compreender as mudanças das representações sociais acerca do corpo, na segunda metade do século XX, a partir da análise da mídia impressa. Entendemos que a contínua e acelerada mudança tecno-científica impactou profundamente os corpos na sociedade contemporânea, cuja construção acontece pela vivência da tecnologia e da veiculação de representações construídas pela grande imprensa. Visamos pensar o aumento exponencial do uso da tecnologia na reconfiguração dos corpos e da vida na contemporaneidade, cujas conseqüências afetam a sociedade em relação às categorias de classe, gênero e raça. Nesse sentido, buscaremos compreender o corpo a partir das relações entre saber e poder, por isto, nossa intenção é investigar este conhecimento de dimensões extraordinárias e perigosas, através de uma atualização do conceito de biopoder do filósofo Michel Foucault.

Palavras-chave: corpo, tecno-ciência, biopoder.

Abstract: This text is part of a research project aiming at understanding the changes in social representations concerning the body, during the second half of the XX century, based on the analysis of the printed media. We understand that the continuous and accelerated techno-scientific changes have had a deep impact on human bodies in the contemporary society. This occurs through the experiencing of technology and what is built up by the mass media. We intend to think of the exponential augmentation of the use of technology in the reconfiguration of human bodies and life in contemporaneity whose effects influence class, gender and race in our society. In order to do so, we will try to understand the body through the relationship between knowledge and power. Therefore, our intention is to investigate this knowledge of extraordinary and dangerous dimensions through the updated use of Michel Foucault's concept of biopower.

Keywords: body, techno-science, biopower.

Este texto é fruto de uma pesquisa que parte do pressuposto da categoria corpo-objeto², como instrumental múltiplo de inscrição tecnológica e científica e através também da compreensão do corpo como uma construção histórica e cultural, sobre a qual, articulam-se diferentes discursos e saberes científicos e tecnológicos. Nossa análise se centrará nas representações de corpos e práticas construídas por duas revistas de grande circulação no país durante a segunda metade do século XX e terá como hipótese de trabalho a reconfiguração

* Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista da CAPES – PIQDTEC.

² MERLEAU-PONTY, 1999. *Passim*.

corporal pelo discurso técnico-científico. No caso deste estudo, os meios de informação de massa escolhidos como fonte de pesquisa foram as revistas de publicação semanal: *Manchete* (1952-1968)³ e *Veja* (1968-2006).

Entendemos que os avanços advindos deste conhecimento tecno-científico ‘corporificam ou reconfiguram o corpo’ através de uma lógica que transforma tanto a nossa maneira de ver/sentir o corpo, quanto nosso posicionamento perante o outro e o mundo. Principalmente se considerarmos que a ciência é considerada como o paradigma de conhecimento que detém a verdade acerca do homem e do mundo. Assistimos a uma redefinição antropológica da condição humana, quando na contemporaneidade todos os processos humanos são coisificados pela hiperbiologização do homem e sua realidade é progressivamente mediada pela tecnologia. No discurso tecno-científico contemporâneo há uma insatisfação ou um desconforto com o humano, levando-nos ao pós-orgânico, ao pós-humano, proporcionados por uma potencialidade de atividades. A visão do homem-máquina é cada vez mais acentuada, visando sua re-construção, sua re-modelação. Desta forma, entendemos que o conhecimento tecno-científico modifica a corporeidade dos seres humanos, sendo este processo também uma forma de educar os corpos na sociedade. Por este motivo, nossa proposta de investigação ancora-se no campo da corporeidade, pelo fato de entendermos que é no corpo que se aplicam as mais diversas tecnologias de poder.

É Foucault quem diz que o controle da sociedade se faz também pelo corpo e com o corpo. O poder, segundo Foucault (1988, p. 131), desenvolveu-se concretamente a partir do século XVII e pode ser traduzido através de dois modos: o primeiro entende o corpo enquanto máquina, nesse caso, garantido pelo poder implícito nas formas disciplinares de tratamento dadas ao corpo. Pode-se dizer que houve uma anatomia-política do corpo. A partir da segunda metade do século XVIII, forma-se um novo modo de poder ou o que Foucault chama de biopoder. Este biopoder é localizado no corpo-espécie e garantido pelas intervenções e controles reguladores, que são traduzidos por estratégias biopolíticas aplicadas à população. Para Foucault estas são duas formas de poder diferentes, com origens distintas, mas que não se excluem. Pelo contrário, se o poder disciplinar em um determinado momento tinha poder de esquadrihar, desarticular os corpos, em um segundo momento, constitui-se, assim como o poder aplicado ao corpo-espécie, em um modelo, cuja função, assenta-se no investimento total sobre a vida. Entretanto, enquanto o primeiro liga-se a um poder individual centrado no corpo, o segundo associa-se a mecanismos globais de regulação centrados na vida. Na época

³ Nossa análise será feita até 1968, mas é necessário esclarecer que a Revista *Manchete* foi publicada no período de 1952 até meados do ano 2000.

clássica, o gerir a vida passa a ser o centro da questão de poder com o objetivo de sujeitar e controlar os corpos da população, sendo as noções de anatomia-política e bio-política técnicas desse poder, utilizadas pelas diversas instituições da sociedade.

Diferentemente do poder disciplinar, cujo princípio geral era representado pelo modelo do *Panopticon*⁴, onde prevalecia o regime individual disciplinar, o biopoder tem como função gerir e controlar tudo aquilo que é múltiplo, a população, não mais em espaço vigiado e fechado, mas em espaço aberto. Este é um modo de poder centrado no corpo espécie, na regulação da vida, que tinha como preocupação questões relativas à proliferação da sociedade, natalidade, saúde, longevidade, em suma, tinha os processos biológicos do ser humano como suporte. Todos esses processos sofrem intervenções e controles reguladores e é o que Foucault chama de uma biopolítica da população.

Inúmeros estudos debruçaram-se sobre diversas instituições, grupos sociais, nas mais diversas épocas, no intuito de analisar os dispositivos de poder presentes. Na cena contemporânea também é possível esta análise, mas através de uma atualização da questão do biopoder, como determinante das biopolíticas, tendo em vista as novas descobertas da técnica e da ciência, aplicadas à vida, ao corpo, à população, ao homem enquanto espécie.

Este novo horizonte tecno-científico coloca algumas questões de suma importância, como por exemplo, o futuro da espécie humana frente os avanços da biotecnologia e da engenharia genética, a nova representação humana frente ao desenvolvimento da tecnologia da informática e da comunicação, a vida humana em meio aos objetos técnicos⁵. Uma das possíveis atualizações do biopoder pode ser vista através das reflexões feitas por Paul Rabinow (2002), que discute as mudanças de nossas práticas de vida e éticas sociais com o avanço do projeto Genoma. Ele considera essas práticas de vida e a remodelação da sociedade os lugares mais potentes de novos saberes e poderes. O eugenismo é uma de suas preocupações, pois projetos anteriores foram embasados em metáforas biológicas. Através da nova genética, novas identidades e novas práticas individuais e grupais poderão surgir.

Isto é o que Rabinow chama de biossociabilidade, gerada pelo esquadrinhamento genético possibilitado pelas novas tecnologias. Em todo caso, é possível afirmar que este saber fazer ressurgir ou redefinir antigas questões envoltas de ódio e violência, como é o caso

⁴ *Panopticon* era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Cf. FOUCAULT, 1974, p. 69.

⁵ Mesmo sendo certo que a cultura humana sempre esteve em meio aos objetos técnicos, estamos enfatizando a potencialidade da tecno-ciência contemporânea, acreditamos que isto confere um outro sentido entre a relação homem e técnica.

do racismo. Este exemplo é atual e busca prever um futuro próximo, mas que nos ajuda a pensar historicamente na tecnologia, como determinante de nossas vidas, de nossa existência. E também que nos faz questionar sobre nossa história: como os corpos foram construídos levando-se em conta a interferência cotidiana da técnica e da ciência?

Se entendermos que hoje a técnica é um elemento fundamental da cultura, fica mais fácil compreender que esta questão não é, por exemplo, apenas dos geneticistas ou dos filósofos, pela ótica da ética, mas também, talvez sobretudo, da educação. Nossa vida é marcada pela técnica. A técnica está em tudo e em todos os lugares, seja através dos instrumentos, das máquinas ou inserida no próprio corpo. A técnica e a tecno-ciência caracterizaram e caracterizam, mantiveram e mantêm a sociedade, cujo poder foi e é baseado na disciplina, na força, na capacidade de manipulação do simbólico e com a potencialidade da tecnologia baseia-se cada vez mais na capacidade de controle.

O exercício do poder e o controle da sociedade sobre o corpo não advêm apenas da tecno-ciência, mas também da divulgação científica deste conhecimento para o público leigo. Com este estudo pretendemos investigar representações acerca do corpo, com base no complexo da tecno-ciência, construídas pela mídia. Entendemos que o veículo midiático mais propício para esta análise é aquele caracterizado como ‘grande imprensa’, por este motivo, escolhemos, como fonte da pesquisa, revistas semanais impressas, editadas a partir de 1950, são elas: Manchete(1952-1968) e Veja (1968-2006).

Estas revistas⁶ não podem ser consideradas revistas especializadas em divulgação científica, mas podemos considerar que elas exerceram (e no caso da revista Veja, ainda exerce) forte influência no imaginário social sobre a ciência. Como veículos de comunicação, estas revistas interferem na visão de mundo das pessoas, ajudando-as a formar conceitos, que estruturam percepções, comportamentos e compreensões. Além de divulgar a ciência, estas revistas podem ser vistas também como uma potente forma de ‘educar’ e/ou conformar os corpos na sociedade. Desta forma, escolhemos estas revistas por entendermos que elas participam efetivamente da construção e veiculação de sentidos na sociedade. Estas revistas

⁶ Tanto a revista Manchete, quanto a revista Veja são revistas semanais e de circulação nacional. De acordo com ANDRADE & CARDOSO (2001), a revista Manchete não revelava suas tiragens, a estimativa de publicação era feita através da capacidade de produção das máquinas. No início, por volta de 1950, sua tiragem era de 200.000 exemplares, posteriormente, de acordo com o depoimento de Bloch, sobre a capacidade das máquinas rotativas, estimou-se que a tiragem era de 800.000 exemplares. A revista Veja, por sua vez, segundo Augusti (2005), foi lançada com uma tiragem de 700.000 exemplares, entretanto, segundo ele, as vendas em 1968 giravam em torno de 100.000 a 150.000. Porém, no mesmo período a produção caiu para 70.000 exemplares; em 1972 caiu para 40.000 exemplares (segundo Augusti, há fontes que indicam que as vendas neste período caíram para 19.000 exemplares). A partir de 1976, a revista Veja volta a ampliar o número de exemplares e alcança a vendagem de 170.000 exemplares por semana; em 1978, aumenta para 250.000 exemplares por semana e no início dos anos 80, alcança um total de 400.000 exemplares por semana. Atualmente sua tiragem é superior a um milhão de exemplares.

atuam como meios de formação e de informação sobre a vida, o corpo, a ciência, sobre modos de ser e viver, desde que se entenda o processo de educação a partir de uma concepção mais ampla, que considere o estatuto pedagógico da mídia e o modo como operam seus dispositivos.⁷

A Manchete era uma revista semanal de fatos diversos, com estilo moderno, cuja inspiração adveio da ilustrada parisiense “*Paris Match*”. Andrade e Cardoso (2001), no estudo realizado sobre a Revista Manchete no período entre 1952 a 1962, afirmam que esta revista contribuiu para a formação de uma mentalidade científica na história da ciência no Brasil.⁸ Acreditamos que a Revista Veja⁹ também contribuiu e contribui na formação de uma mentalidade científica. Realizamos, no primeiro semestre de 2006, um levantamento do material a ser pesquisado, no sentido de perceber a viabilidade do projeto. A partir desta pesquisa diagnóstica, podemos inferir que a Revista Veja ocupa-se de conteúdos científicos extremamente importantes. O grande problema e que também de certa forma justifica nossa escolha, está no tratamento da temática. Esta revista se apóia em referências científicas legitimando não só o conhecimento científico, mas também sua abordagem de questões complexas, como as de gênero, sexo e raça. Outra questão diagnosticada foi o discurso celebrativo da ciência o que reforça a crença que a ciência é a única instância da sociedade que detém a verdade acerca do conhecimento. Numa trama que envolve imagens e palavras, o corpo muitas vezes é figura central, onde texto escrito e imagético fundem-se em uma perfeita harmonia no jogo do convencimento.

A divulgação da ciência realizada por essas revistas envolve também o modo como os jornalistas interpretam as informações e seu público alvo, o modo como o público percebe e recebe as informações e abordagens e ainda de que modo esse mesmo público interage e transforma o conhecimento assimilado e divulgado. Como a ciência é um dos temas mais explorados pelos meios de comunicação de massa na contemporaneidade, sua divulgação é mediada, portanto, recontextualizada antes de ser divulgada. Este fenômeno

⁷ A partir desta afirmação é importante o esclarecimento de que este trabalho não toma as revistas como objeto de estudo. Nossa busca é investigar o corpo e sua relação com a potencialidade da tecnologização da vida cotidiana.

⁸ Sobre a divulgação da ciência/tecnologia no período compreendido entre 1952-1962, apesar de não haver uma seção dedicada à ciência, esta divulgação aparece em reportagens exclusivas, pequenas notas e pequenos registros feitos em seções de fatos diversos. O discurso e linguagem foram apropriados do fotojornalismo – as matérias acompanhadas por fotos ocupavam a página inteira ou quase 70% dela –, isto facilitava o entendimento do que estava sendo divulgado para o público leigo e distante da atividade científica e tecnológica. Cf. Andrade e Cardoso (2001).

⁹ Augusti (2005, p. 80) apresenta um panorama dos leitores da Revista Veja: “5.000.000 (em média, 4 leitores por exemplar); 940.000 têm carteiras de assinantes; 52% são mulheres; 68% (3.415.000) pertencem à classe A e B; 47% têm entre 20 e 39 anos; 55%* têm nível superior; 80%* têm casa própria; 80%* têm automóvel no lar; 51%* têm TV a cabo. (*) Base: leitores/adultos classe AB acima de 18 anos. Obs: (números de out. 2002, fornecidos por Veja, via e-mail, em 07.jun.2005 – Fontes: Estudos Marplan)”.

envolve poder, na medida em que envolve produção de sentidos pelo veículo que realiza a divulgação.

Como afirma Baczko, a emissão e controle dos discursos depende dos avanços dos meios de comunicação de massa que asseguram a circulação de informações e imagens. Este autor ainda observa que, um único emissor, através dos meios de comunicação de massa, pode alcançar uma audiência incalculável. Outra questão a ser observada em relação aos meios de comunicação de massa é que, estes podem amplificar de modo extraordinário as funções dos discursos e dos imaginários que veiculam (BACZKO, 1985, p. 313). Por isto, a categoria do imaginário será essencial em nossa investigação. Acreditamos que este trabalho nos ajudará a refletir sobre questões como esta, a partir do momento que problematiza a popularização de um dos conhecimentos que mais atinge as pessoas – o conhecimento acerca do corpo humano. Estes avanços tecno-científicos nos forçam a repensar o corpo, suas possibilidades e nossas práticas.

Na sociedade contemporânea, a mídia tem o poder de criar representações e práticas sociais acerca do corpo, que, além do conteúdo específico da ciência, abrangem questões relativas ao gênero, à sexualidade, ao racismo e à humanidade de uma forma geral. Diante disto nos perguntamos: qual a influência das biotecnologias nas representações e nas práticas sociais em relação às categorias de raça, classe e gênero na sociedade contemporânea? Neste sentido, uma das questões em pauta neste estudo, refere-se ao eugenismo, e se as novas biotecnologias engendraram a retomada de um projeto eugênico de sociedade. Pois a tecno-ciência, modifica nossas vidas, nossos corpos, ao produzir um conhecimento que arregimenta, na medida em que ‘avança’ e a cada época, novas sensibilidades em relação às noções de gênero, de sexo e de raça. Produz novas formas de comportamento, novos valores, novos sentidos atribuídos ao mundo, à sociedade e a nós mesmos.

Portanto, nos interessa, neste estudo, perceber a formação de um imaginário científico sobre o corpo. É por isto que neste trabalho, não nos interessa apenas a divulgação científica sobre o corpo, mas também a divulgação de todo o complexo da tecno-ciência, no qual o corpo está inserido. Perceber o corpo neste contexto pode nos ajudar a entender também a legitimação da ciência em nossa cultura, assim como, pode ajudar a entender melhor a sociedade através dos corpos.

Como parte de um projeto de pesquisa, o presente estudo tem uma perspectiva histórica, baseada na abordagem qualitativa da identificação, análise e interpretação das representações a serem investigadas com o objetivo de compreender a formação de um

imaginário científico acerca do corpo, a partir dos discursos formulados pela mídia impressa. O conceito de imaginário social será essencial neste trabalho, cuja abordagem será guiada pela concepção de Castoriadis. Através de suas reflexões, buscaremos as condições teórico-conceituais, cuja sustentação nos possibilite compreender a complexidade da formação do imaginário, que nos parece ser, em decorrência das características do nosso estudo, o caminho mais propício a ser incorporado. Outras contribuições relevantes ao estudo das produções imaginárias na sociedade serão a de Baczko, a teoria de Chartier sobre representações, os princípios e procedimentos em análise do discurso de Pêcheux e Orlandi. É claro que, somam-se a estes, outros importantes nomes a serem incorporadas em nossa análise das formações imaginárias.

Referência Bibliográfica

- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. *Aconteceu, virou manchete*. Revista Brasileira de História, 2001, vol. 21, número, 41, p. 243-264.
- AUGUSTI, Alexandre Rossato. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da Revista Veja*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- BACZKO, B. *A imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 283-347.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. *O mundo como representação*. Estudos Avançados – USP, 1991. v. 5. nº. 11, jan./abr./, p. 173- 191.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder – Uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações. 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução: Étienne Gilson. – Lisboa: Edições 70, 1979.

DURAND, Gilbert. *O imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1998.

FALCON, Francisco. *História Cultural – Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Glavão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 1997.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIACOIA O., Hans Jonas: o princípio responsabilidade. In: Oliveira M. A. de, (Org), *Correntes fundamentais da Ética Contemporânea*, 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 194.

HARDT, Michel; NEGRI, Antônio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MASSARANI, Luisa et al (org.). *Terra Incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FOCRUZ, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NOVAES, Adauto et al. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. “*Imaginário Científico e História da Educação*”. In: VEIGA, C. & FONSECA, T.: *História e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RABINOW, Paul. *Antropologia da razão – ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Revista Manchete de 1952-1968.

REVISTA VEJA de 1968 – 2006.

ROCHA, Célia A. *O “re-conhecimento” do corpo na educação física escolar como modalidade do ser-no-mundo*. 2001. 203 f. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

SCHAFF, Adam. *A sociedade informática – as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista: Brasiliense, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d’existence des objets techniques*. Paris: Editora Aubier, 2001.

SOARES, Carmen (org.). *Corpo e história*. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

WIENER, Norbert. *Cibernética*. Madrid: Guadiana de Publicaciones, 1960.

_____. *O homem e a máquina*. In: *O conceito de informação na ciência contemporânea*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 69-99.